

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 10

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Origem do estylo ogival na Inglaterra — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	Pag. 143
O Monumento de Mafra — A'cerca dos pára-raios — pelo socio sr. J. C. GOMES.....	» 151

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:

Memoria para servir de illustração ao desenho de uma estatua descoberta em Beja, que se disse ser de Cybéles — Manuscripto de MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ.....	• 154
Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA.....	• 156
Explicação da Estampa n.º 82 — pelo sr. J. DA SILVA.....	• 157
Chronica.....	• 158
Noticiario.....	» 159

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ORIGEM DO ESTYLO OGIVAL NA INGLATERRA

Tendo sido invadida a Grã-Bretanha por Cesar, 55 annos antes da era vulgar, esta conquista durou mais de 4 seculos e meio. Sob o governo do general romano Agricola, sogro do historiador Tacito, desde 75 a 83 da era vulgar, os romanos excitaram os insulares a levantar templos, a construir forums e casas de habitação. Mais tarde edificaram tambem porticos, thermas e outros edificios, como havia no imperio romano. Esses monumentos erguidos durante a dominação romana, são chamados *anglo-romanos*. As ruinas, em grande numero d'essas construcções, estão ornadas na Inglaterra, como nos outros paizes, de telhas e tijolos formando renques emmoldurados. Existem alguns inteiramente construidos de tijolos: o arco de volta inteira é muitas vezes empregado, assim como o aparelho alternado. Entre estes monumentos, encontram-se a igreja de S. Martinho de Cantorbery; a porta de Newport em Lincoln; o castello de Richborough no condado de Kent; algumas partes da igreja de S. Nicolau de Leicester; uma corpulenta torre-circular no castello de Lincoln. Os primitivos habitantes d'este paiz sabiam sómente edificar, servindo-se de junco e madeira, sendo os romanos quem lhes ensinou a construcção executada com pedra e cal.

Conforme as descripções mui succintas das mais antigas egrejas da Grã-Bretanha, se collige ser a sua fôrma a da basilica romana, tendo columnas e arcadas de volta inteira, á imitação dos edificios levantados nos outros paizes sob a dominação romana.

As invasões dos dinamarquezes, durante o ix seculo, atrazaram o desenvolvimento das construcções architectonicas. Porém, reviveu a actividade no pacifico reinado do rei Edgar, que concluiu em 974 a igreja de Ramsey em Hurtingdonshire. Este monumento tinha duas torres mais elevadas que o espigão do telhado, estando a mais baixa diante da fachada, e a torre mais alta sobre a intersecção do cruzeiro, firmada sobre 4 columnas, ligadas por arcadas, afim de obstar ao desvio dos pontos de apoio, sendo este o primeiro exemplo citado nas construcções de torres n'este paiz.

As egrejas, nos primeiros tempos da introdução do christianismo na Inglaterra, eram pouco numerosas. O papa Gregorio, o Grande, recommenda no vii seculo ao apostolo Agostinho, de não demolir os templos do paganismo, mas tirar-lhes os idolos, afim de servir o edificio para o culto do verdadeiro Deus.

Os saxonios tendo chegado á Inglaterra no meiado do v seculo, essa dominação durou até á conquista

normanda em 1066. Os antiquarios inglezes chamam *anglo-saxonios* aos monumentos d'esta epoca, dos quaes os mais antigos mostravam uma imitação da construcção romana. No antigo estylo saxonio eram as columnas curtas e com um grande diametro em relação com a sua altura; tambem se encontra o emprego de pilares quadrados: uns e outros sustentam arcos de volta inteira. Estas arcadas apresentavam fórmas desproporcionadas e pezadas, afastando-se muito das proporções das arcadas construidas pelos romanos.

Está provado que os saxonios tinham um estylo de architectura differente do estylo Normando, tendo havido uma mudança na architectura em Inglaterra durante o reinado de Eduardo, o Confessor, quasi no meiado do xi século.

As construcções saxonias, feitas de pedra, parecem ter tomado por typo as construcções de madeira. As suas fachadas são decoradas com resaltos de pouca saliencia, afim de representar os *prumos de madeira*. Os andares estão separados por faixas horisontaes, contra os quaes os prumos vem lopear, parecendo estarem entulhados no frechal, como se pratica nas construcções dos frontaes. Na divisão das aberturas das janellas ha, nas egrejas saxonias, balaustres, em logar de columnas ou pilastras. N'estes monumentos, vêem-se tambem arcos de volta inteira e feitiço triangular. Esta ultima fórma era uma reminiscencia da construcção em pedra no madeiramento; em quanto a ornamentação d'essas egrejas, cousa então bastante rara, não apresenta mais do que figuras humanas ou de animaes, executados mui grosseiramente, ou cipós enroscados com plantas, e combinados com mui pouca destreza. Nota-se n'esta ornamentação a semelhança que se encontra nas egrejas da Noruega, e o que é ainda mais curioso, é assemelhar-se aos ornamentos empregados nas *tescalli* dos templos do Mexico! Talvez não esteja longe a epoca, em que as investigações archeologicas venham provar, que o que nós reputamos o novo mundo, seja o *velho*, em relação ao que nós habitamos.

Posto que as egrejas anglo-saxonias tivessem conservado o plano da basilica romana, eram, todavia, pequenas e obscuras (como nós já fizemos notar esse uso nas primitivas egrejas da Allemanha) havendo uma unica torre no portal occidental.

Uma era nova apparece para a architectura na Inglaterra, com a conquista de Guilherme, duque da Normandia, no anno de 1066. Os monumentos tiveram maiores dimensões, sendo muito mais regulares do que os precedentes.

Na Grã-Bretanha sómente se encontram d'esse tempo edificios religiosos, que, estando inutilisados ha mais de tres seculos do seu primitivo destino, se conservam no seu mesmo esplendor, devendo

isso a serem *considerados como objectos d'arte e de raridade*, ficando assim explicada a sua admiravel conservação, não obstante a sua remota antiguidade.

Sem duvida, as abbasias inglezas ficaram desertas desde o anno de 1538, no qual Henrique viii decretou a abolição das ordens monasticas. Em vista d'este decreto, essas magestosas egrejas, seus claustros, dormitorios e capellas estiveram mais de um seculo sem reparo algum, devido á falta de recursos para esse fim; porém, as paredes eram tão solidas, o chumbo que cobria os telhados tinha tanta espessura, que tudo poude resistir ás injurias do tempo, até que as novas gerações, surprehendidas de admiração e respeito por tão venerandos monumentos, se apressaram a salvar os da sua ruina. Em quanto aos outros mosteiros, que duraram em França até ao anno de 1789, e em Portugal até 1834, durante o tempo que estiveram habitados, com elles se despenderam avultadissimas quantias, afim de satisfazerem a novas necessidades e a differentes caprichos monasticos, o que deu causa a modificarem-se algumas partes d'esses monumentos, quando, por ventura, não ficarem transfigurados; porque os frades achando então as suas cellas acanhadas e incommodas, não se constrangiam em derribar admiraveis pilares, para as alargar, ou em destruir ricos e mimosos portaes, afim de construirem passadiços para evitar a fadiga de descerem compridas escadas, indo para os officios divinos, como aconteceu no bello edificio da igreja de Belém, havendo mutilado os delicados arrendados que embellezavam o coro das egrejas, mas que tinham o inconveniente de lhes deixar passar o ar atravez, posto que não tivessem molestado os antigos antecessores religiosos! Foram então essas separações substituidas *mais atiladamente* por peza-das barreiras de madeira, seguindo-se o mau gosto da moda, de se esburacarem as cantarias para as cobrir de madeira pintada e cobrirem-se as ogivas com dourados, mostrando, no remate d'esses arcos agudos, a desastrada decoração que imita um extraordinario sol raiando no meio de uma immensa nuvem construida de gesso, a qual está rodeada por seraphins compostos do mesmo material. Tal era a perfeição d'arte n'aquella epoca! E para maior desvario, chegou uma occasião em que a voz despotica do provincial, intimado por ordem vinda de Roma, no meiado do ultimo seculo, ordenou que os claustros, casas do capitulo, refeitorios e todas as outras casas conventuaes fossem demolidos sem consideração a cousa alguma, para se fazerem n'esses mesmos sitios novas construcções com o feitiço e apparencia de grandes e feios quarteis, que appareceram construidos em toda a parte, onde a ordem dos frades benedictinos possuia os seus conventos.

Em quanto as abbasias de Inglaterra, não obstante

abandonadas, apparecem menos desfiguradas, em comparação dos novos conventos, mesmo aquelles mais sumptuosos.

Que espectáculo lastimoso se apresenta em nossos dias, ao contemplarmos o indifferentismo com que se olha para esses monumentos, tão recommendaveis para as artes e para a historia do paiz, estando a arruinarem-se cada vez mais, ou então servindo para abjectas applicações, essas obras primas de remotas eras, que não se podem hoje substituir, por maiores que fossem os actuaes recursos da nação, e a sua execução fosse a mais primorosa para imitar esses trabalhos, pois seria mentir para a posteridade, dar-lhes a representação de obras de outros seculos, porque não teriam a mesma significação, nem se lhes poderia dar a devida veneração. Por conseguinte, a principal causa da conservação que se nota nos edificios religiosos da Grã-Bretanha, provém das circumstancias politicas d'aquelle paiz, havendo outra razão não menos poderosa, a qual é ser o caracter nacional que distingue o povo inglez e seus habitos domesticos, tão profundamente differente dos usos dos povos dos paizes meridionaes.

O cuidado extremo pelo accio entre os inglezes, é uma disposição nata n'essa nação, sendo como uma paixão natural que os domina, o que na verdade é muito para louvar. Isto não é sómente observado nas habitações sumptuosas da nobreza, vê-se o mesmo habito entre os camponeses, quando se entra nos seus modestos *cottages*; tudo ali respira acao e luz, como se tudo fosse acabado de novo.

Estes habitos, levados muitas vezes até á mania, deviam necessariamente influir muito sobre o destino dos antigos monumentos. Quando se faz um culto de conservar a sua propria habitação, como se poderiam deixar alterar e perder se essas grandiosas e magnificas construcções, obras de tantos seculos e de tanto valor artistico? Não é, pois, para estranhar, que os monumentos religiosos de Inglaterra se tenham conservado n'um estado mais completo, e que os seus detalhes, ainda os mais insignificantes, estejam intactos, pois tem sido *protegidos por um governo illustrado e por um povo que preza as bellas artes*, dedicando uma sincera veneração a todos os seus antigos edificios, e por este motivo aquelles monumentos se acham em melhores condições do que em outro qualquer paiz.

Porém o que ainda é mais surpreendente e que parece mesmo ser extraordinario, depois de se terem examinado os monumentos que actualmente são construidos na Inglaterra, julga-se impossivel terem sido capazes alguns architectos inglezes, nas differentes epocas da sua historia, haverem construido essas bellas e grandiosas egrejas, que rivalisam com as mais magestosas producções da arte christã na

Europa. Parece incrivel terem esses artistas esquecido inteiramente aquillo que a experiencia dos seculos passados lhes havia indicado ser preciso seguir na arte de edificar. Pois não se podem desculpar as desastradas construcções que presentemente se executam em alguns monumentos publicos e suas modernas egrejas. Por ventura seriam obras de verdadeira architectura, as que quizeram executar, misturando os estylos de todos os seculos e de todos os paizes, havendo por esta fórma edificios para os differentes gostos, excepto para aquellas pessoas que possuam o menor sentimento do que deve ser a nobre arte de edificar?!

O que faz parecer ainda mais inexplicaveis essas caricatas construcções, é que a maior parte dos architectos inglezes são dotados de muito talento e bastante instruidos; quasi todos tem viajado, estiveram em Roma e em Athenas; porém de volta ao seu paiz, alguns ficaram com a intelligencia abafada pela atmosphaera natal, que extingue qualquer sublime inspiração artistica, paralyando totalmente o sentimento elevado que requerem as obras monumentaes, em que devem ser indicadas as mais sensatas proporções e toda a precisa coherencia nas suas combinações architectonicas.

É verdade que os architectos inglezes luctam com grandes difficuldades; os materiaes do seu paiz são de pequenas dimensões: compõem-se de tijolo e seixo, e raras vezes de pedra. Ora, sem cantaria, não póde haver esculptura, e por conseguinte, não se executam magnificos monumentos, pela impossibilidade de os fazer, pela falta dos bons materiaes, posto que com o emprego do tijolo se possam edificar palacios e templos; mas então seria necessario adoptar um outro caracter architectonico e outras fórmas, para as quaes esta qualidade de material podesse convir; pois, pela maneira como os architectos se servem do tijolo nos monumentos, parece ser mais com o proposito de disfarçar a sua natureza argilosa, metamorphoseando-a para lhe darem a apparencia de cantaria, e com esse fim applicar-lhe uma camada de argamaça, para ficarem encobertos os tijolos com abundantes rebocos. D'aqui provém o apresentarem muitos dos edificios d'aquelle paiz um aspecto de papelão, vendo-se as arestas disformes, como se o papelão estivesse machucado, além de não poder conservar os perfis das molduras, ficando mal executadas, e mostrando uma apparencia de fragmentos de esponja.

Em conclusão, talvez não exista outro paiz, onde a architectura monumental tenha declinado tanto, desde um para dois seculos, e patenteie tão profunda lethargia, assim como o absoluto esquecimento dos bons modelos que a Grã-Bretanha possui na sua architectura!

Todavia é preciso confessar, que foi n'esse solo

rebelde, debaixo d'esse clima desfavorecido da natureza, que antigamente se edificaram tão sumptuosos edificios, essas soberbas abbas de York, de Durham, de Lincoln, de Winchester, que existem para asseverar que a arte, quando estava no seu maior esplendor, poudo tambem florescer sob a desfavorecida atmospheria britannica.

Se, por ventura, fosse necessario dar uma nova prova para demonstrar a força poderosa de quanto póde a fé, qual é o seu magico ascendente, assim como a supremacia excelsa do catholicismo durante a idade media, achariamos confirmado n'este facto, comparando as duas epochas respectivas. Mesmo os romanos nunca poderam conseguir fazer florescer a architectura n'este paiz. Elles que fundavam em toda a parte portentosos monumentos, não deixaram um unico que seja de alguma importancia na Inglaterra. Porém, para os povos possuidos pela fé do catholicismo, não lhes era impossivel emprender e executar cousa alguma para exaltar a religião que regenerou a humanidade.

Não satisfeita de haver submettido as intelligencias e de dominar a alma, estava igualmente na sua missão o exaltar e engrandecer as idéas, elevando pela fé ao sentimento do bello os povos mais entorpecidos do mundo; servindo-se d'elles como instrumentos para erigir em todos os logares testemunhos da sua salutar influencia, e tambem para confirmar no porvir, que em toda a parte onde se havia plantado a doutrina christã, as Bellas Artes tinham florido e prosperado.

É da summidade d'este ponto de vista, que a historia da architectura vem a ser um precioso e bello estudo. Vamos apreciar um grande numero de monumentos pertencentes á Inglaterra, todos procedentes do mesmo pensamento, cingidos pela mesma aureola, e attestando pela sua similhaça a identidade da sua origem. Depois veremos quantas diversidades não nos apresentam elles sob esta poderosa influencia, que variedades e differenças foram produzidas por circumstancias mais ou menos visiveis, mais ou menos faceis de distinguir. É pois na dupla apreciação d'estas circumstancias locais e das regras geraes a que estavam sujeitas, que se constitue a verdadeira historia da arte da idade media.

Examinando a architectura ogival dos monumentos da Grã-Bretanha, procuraremos, todavia, quaes foram os caracteres geraes que a ligaram aos monumentos religiosos do resto da Europa, e quaes pelo contrario, as particularidades que as distinguem da architectura ogival dos outros paizes.

Notaremos, em primeiro logar, que não obstante se ter no principio quasi conformado com o typo universal, o typo supremo e canonico, lhe veio a ser, pouco a pouco, menos fiel, e se afastou successivamente, para ficar em uma completa indepen-

dencia, para depois desaparecer sepultada n'essas trevas, onde dormita presentemente a arte na Grã-Bretanha.

Os estudos archeologicos feitos na Inglaterra teem, felizmente, descoberto estarem bem assignadas as differentes epochas da construcção dos seus monumentos. Desde a conquista da Inglaterra pelo rei Guilherme, no começo do seu reinado, isto é, desde 1060, foram edificadas as mais antigas egrejas, que hoje existem erguidas sobre o solo britannico. Pois que nem os saxonios nem os lombardos, da mesma sorte, como aconteceu a todos os povos barbaros d'essa epocha, tiveram architectura nenhuma que lhes fosse propria; e quando tiveram de edificar, não fizeram mais do que seguir as tradições deixadas na Inglaterra pelos romanos, tradições aliás obscuras e degeneradas: portanto, as suas construcções eram toscas, imperfeitas, e não poderiam chegar intactas até ao presente, quando mesmo os conquistadores as tivessem deixado subsistir no seu estado primitivo.

Os companheiros do rei Guilherme haviam dividido entre si o solo conquistado, parecendo ter combinado arrazar tudo, tanto egrejas como castellos, destruindo os em toda a parte, para fazerem occupar esses mesmos espaços por novos castellos e egrejas, edificadas no gosto da *architectura normanda*. O furor de fazer novas construcções, que se havia apoderado dos animos, tanto na Italia como em França e na Allemanha, depois do anno 1000, quando se desvaneceu o terror de acabar o mundo, sómente poudo penetrar na Grã Bretanha, depois de ser conquistada pelos normandos. Em menos de um seculo, a face do paiz ficou inteiramente mudada, havendo apenas hoje vinte fragmentos, tanto religiosos como militares, que se suppõe pertencerem á epocha anterior a essa conquista.

Portanto não ha nenhuma difficuldade em determinar positivamente a data das mais remotas egrejas da Inglaterra, assim como designar qual é o seu estylo, visto que foram os normandos que introduziram esse genero de architectura, sendo pois mui natural, que se dê á architectura o nome do povo onde ella teve a sua origem.

O novo modo de edificar se desenvolveu successivamente em Inglaterra, sem que se possa explicar como foi o seu começo, nem o seu desenvolvimento. Do mesmo modo aconteceu em Pisa, Luca e Veneza, como opportunamente veremos. Tambem teve logar na Allemanha, no reinado de Othão, e em França, particularmente na Normandia, onde, desde meio seculo antes, haviam começado as primeiras tentativas n'este genero de edificar.

Mas foi unicamente devido á conquista o ter-se introduzido em Inglaterra, de uma maneira mais rapida, como se fosse de um dia para o outro. Em

poucos annos, o novo reino contava tantas egrejas do novo estylo, quantas havia nos outros estados do continente.

É preciso declarar, comtudo, que esta introdução foi completa; pois não sómente haviam transportado os architectos e os operarios da Normandia, mas tambem a necessaria cantaria, que veiu de Caen¹ já cortada e aparelhada. Por toda a parte os abbades ou os frades normandos, apenas eleitos bispos, se apressavam logo em exercitar os seus talentos como architectos, havendo mesmo alguns que possuíam esses conhecimentos em subido grau, pois n'essa epoca era isso um privilegio exclusivamente ecclesiastico, conforme explicámos quando tratámos das primitivas construcções ogivae na idade media.

Estas reconstrucções, geralmente executadas no mesmo estylo, e feitas com tanto cuidado e com uma tão grande superfluidade de solidez, deviam necessariamente deixar vestígios duradouros e numerosos no paiz, para mostrar no futuro a sua importancia. Portanto, os edificios pertencentes ao estylo normando não são raros ainda hoje na Inglaterra.

Contando-se n'este paiz 22 cathedraes, ha ainda 13 que conservam algumas partes importantes da sua primitiva construcção normanda.

Entre as cathedraes inglezas que tenham conservado mais completamente a physionomia d'esse estylo, devemos citar em primeiro logar as de Durham, Peterborough e Norwich. Na de Durham reina em todo o edificio a volta inteira, menos na sua extremidade oriental, especie de segundo cruzeiro, o qual está sustido por extensas abobadas ogivae. As de Peterborough e Norwich conservam o plano normando em toda a sua primitiva configuração, havendo unicamente algumas alterações nos seus detalhes. As janellas foram alargadas e ornadas conforme a maneira usada depois no xiv e xv seculos; porém a capella de N. S. é inteiramente ogival, estendendo os angulos das suas abobadas até ao côro do hemicyclo da igreja, o qual é de volta inteira. Não obstante estes pequenos augmentos, o caracter antigo d'esta soberba architectura subsiste em toda a sua magnificencia.

Em Ely, Rochester, Chichester, as naves são inteiramente no estylo normando, e a capella-mór ergue-se sobre ogivas esbeltas e de arrojada altura. Em Cantorbery vê-se o contrario: a nave é unicamente construida em ogivas, sendo a maior parte da capella-mór decorada no estylo normando. Finalmente em Winchester, o feitiço da volta inteira não existe no côro, nem na nave; porém domina nos dois cruzeiros e nos dois braços da cruz, e a

sua applicação n'estas duas partes symetricas do edificio dá-lhe solemnidade e produz maravilhoso contraste com a leveza aerea do resto da construcção.

Não obstante notar-se esta semelhança, tem cada uma d'ellas physionomia particular. Comparadas ás construcções coevas na Normandia, apresentam, como se devia antever, notavel analogia, principalmente nas partes edificadas, que são mais antigas. Tudo que pertence ao xi seculo se vê imitado, linha por linha, nos monumentos dos dois paizes. São os mesmos perfis, eguaes molduras, os mesmos zig-zags e identicos ornamentos. No xii seculo algumas diferenças se principiaram a notar, como, por exemplo, maior sobriedade nas esculpturas em Inglaterra do que na Normandia, devido á esculptura, que é essencialmente a arte meridional ter empobrecido, e se extingue á medida que se avança para o Norte, sendo esta a razão porque as egrejas de volta inteira na Inglaterra, de data mais recente, apresentam sempre um aspecto menos ornado, menos florido, do que as egrejas existentes na Normandia, posto serem de egual epoca.

Os capiteis são quasi sempre de fôrma cubica, eguaes aos de Colonia e margens do Rheno, como já explicámos, sendo raro encontral-os na Grã-Bretanha, ornados com essas folhagens tão variadas e elegantes; e ainda muito menos, compostos com essas numerosas figuras de homens ou de animaes, applicação tão commum nas outras egrejas, em que a volta inteira domina na sua edificação.

Em quanto aos tectos, eram construidos todos de madeira, com divisões formadas por grandes caixotões e cobertos de pintura; maneira esta que produz um effeito magestoso nas naves de Ely e de Peterborough, e nos cruzeiros de Winchester. Não foi isso devido a uma particularidade local: sem duvida, já existia feitiço semelhante nas egrejas dos outros paizes, da mesma era; mas julgaram depois de mau gosto conservar esses tectos de madeira, sendo melhor transformal-os, fazendo-os de gesso, para imitar *abobadas caidas*, como infelizmente se tem praticado no nosso paiz; e não ha ainda muitos mezes que, n'um monumento publico, se renovou esse luminoso modo de compôr a cantaria!

Este estylo, que, não obstante a sua tardia introdução no solo inglez, tinha antes d'um seculo produzido tantas obras primas, principia a ser abandonado e desaparece totalmente em 1189. Durára perto de 130 annos. O estylo que o substituiu e que se designa em Inglaterra sob o nome de *estylo inglez primitivo*, corresponde, salvo raras excepções, ao estylo gothico, que tem por caracteristico a ogiva em toda a sua perfeição, a ogiva, a lanceta que patenteia esse grandioso de proporções, essa sobriedade nos ornatos, que tanto distingue em

¹ Cidade da França no departamento Calvados.

todas as architecturas o seu mais subido grau de perfeição.

Entre este estylo novo e o estylo normando, a transição parece ter sido singularmente precipitada em Inglaterra; pois não deixou vestígios de indecisão na adopção d'este novo estylo, havendo se introduzido da mesma maneira, como aconteceu ao estylo normando, isto é, apparecendo desde logo completo nas suas novas fórmulas e dominando sem opposição.

Existem ainda na Grã-Bretanha admiráveis produções d'esse estylo, a ogiva primitiva, que sem razão se chama *estylo inglez*, porque, chamando-se estylo francez ou allemão, podia-lhe ser dada essa denominação, por ser identico n'esses tres paizes. Qualquer archeologo, ao primeiro golpe de vista, indicará a data approximativa das egrejas francezas e allemãs d'essa epoca, e poderá igualmente determinar a idade das que pertencem á Inglaterra e que teem esse estylo. Ha, todavia, uma differença notavel nos seus respectivos planos, visto que nas egrejas allemãs e francezas são limitados com a forma de hemicyclo nos dois periodos da idade media, assim como em todas as suas capellas apparece a mesma forma *semi-circular*. Na Inglaterra, pelo contrario, desde o momento que o estylo normando foi abandonado, em todas as egrejas fizeram essa extremidade da planta limitada por *lados rectos*, apresentando esta differença radical, que nem o rito nem nenhuma prescripção canonica exigiam. Talvez que os architectos inglezes suppozesses que, por este meio, obteriam um effeito mais agradável á vista; todavia, no interior de uma igreja, cousa alguma pôde substituir o effeito da perspectiva produzida pelo fundo da capella-mór, quando é formado por um hemicyclo. Colloque-se uma pessoa ao centro da nave principal, e possa abranger com a vista a reunião de todas as linhas do templo, convergindo para o mesmo ponto central, ou vá penetrando pelas naves lateraes, que lhe parecerá fugirem diante de si esses lados e como entranharem-se por uma curva magestosa para um ponto invisivel do logar aonde está, como uma especie de mysterio, que convém para a harmonia e santidade do local.

Esse agradável effeito não se encontra nas egrejas de Inglaterra, porque, entrando-se n'esses templos, se avista immediatamente o final das naves lateraes, e a nave principal mostra uma grande parede recta e liza que limita o santuario, produzindo essa configuração recta um effeito aspero, sem mysterio nem poesia.

No exterior das egrejas inglezas, tambem se nota a falta da forma circular no fundo da capella-mór. Nas egrejas ogivais dos outros paizes a fachada, os lados lateraes e a capella-mór teem uma physionomia distincta; emquanto que na Inglaterra mostram

esses edificios uma empena semelhante posta sobre as quatro faces. Signo algum exterior indica o logar reservado do santuario e o que está occupado pela nave principal, podendo-se rodear o monumento, antes de se ter descoberto a sua verdadeira entrada!

Comtudo, quando se examinam as cathedraes inglezas do xiii seculo, esquece-se esta importante falta, em desconto de outras bellezas que possuem, assim como tudo que ha de glacial e desengraçado d'esse aspecto pobre, que apresenta á vista o fundo das suas capellas-móres. A Abbadia de Westminster, e particularmente a sua fachada Norte, o Minster de Wewerley, a do cruzeiro, da parte Meridional de York, e a fachada de Lincoln, offerecem admiráveis modelos do estylo de lanceta. É impossivel dar a este genero de architectura uma representação mais nobre, um caracter mais grandioso e sublime. Em quanto á cathedral de Salisbury, que os inglezes reputam n'este genero a perfeição das perfeições, é verdadeiramente um magnifico edificio: as proporções são grandiosas, o seu plano, d'uma disposição regular e simples, e a mais perfeita symetria; a fachada é esplendida e delicadamente ornada, á excepção das portas, que teem dimensões mesquinhas e parecem mais proprias para igreja de aldeia. Admira-se a sua agulha construida de cantaria, tendo uma grande altura, obra executada com primor; além d'isso, tem merecimento pela raridade, por ser a unica torre de sinos, de alguma importancia, que ha n'aquelle paiz. Finalmente, o interior d'este edificio é de maravilhosa regularidade; porém, ao mesmo tempo, mostram as suas paredes uma nudez desagradavel, pela falta absoluta de qualquer obra de esculptura; não apparece cousa alguma que indique a acção de vida, nem ha signal de animação; observa-se uma apparencia severa, triste e glacial, causando dolorosa impressão ver esse contraste em tão soberba fabrica. Sem embargo, comprehende-se a grande celebridade que tem alcançado a abbadia de Salisbury, apesar das imperfeições dos seus detalhes, pois, na verdade, é um dos monumentos maiores e mais completos que se admira no mundo.

Se entrassemos no seu claustro, e atravessassemos essas extensas abobadas para chegarmos em frente d'um elegante portal, ornado com primorosos lavores, que dá entrada para uma grande rotunda octogona, tendo os lados rendilhados, cheia de deslumbrante claridade, veriamos que não haveria outro modelo na Europa que se podesse egualar a esta casa de capitulo. Ergue-se ao centro d'ella uma alta columna de pedra, com o feitio de um tronco de frondosa palmeira, da qual a copa se curva como se fosse um guarda-sol immenso, e abriga com os seus ramos symetricos todo o centro

da rotunda, prendendo-se a oito fragmentos de outras palmeiras, que estendem os seus ramos, saindo de cada um dos angulos d'esse polygono.

É impossivel imaginar-se cousa alguma que seja mais graciosa, delicada e magestosa, de que a maneira por que foi executada esta obra e a disposição artistica das suas abobadas. Nós temos em Portugal, na sacristia da egreja de Belem, um trabalho que nos póde dar uma pequena idéa d'esta disposição, posto que não apresente o conjuncto que a casa de capitulo do monumento inglez offerece á admiração dos artistas e amadores. Na arte de dispor e ornar as abobadas, são os inglezes os mais insignes mestres n'este genero, possuindo uma aptidão para estas obras que lhes é peculiar, e parecendo ser sobre este ponto que se dirigem quasi exclusivamente os seus estudos e a sua imaginação. Por isso conseguiram n'esta especialidade produzir efeitos de uma grande variedade e de uma extraordinaria magnificencia.

As casas capitulares de Lincoln, de Welly e de York offerecem exemplos não menos notaveis que a de Salisbury.

O uso de ornar tão sumptuosamente as abobadas appareceu na Inglaterra no fim do reinado de Henrique III, mas só unicamente nos reinados de Eduardo I e Eduardo II, é que se augmentou esse uso e se aperfeiçoou a execução. O estylo de lanceta, que durou como em França e Allemanha perto de 100 annos, isto é, durante todo o xiii seculo, veio a ser substituido por um novo estylo, ao qual os inglezes chamam *Decorated english*. Não é, propriamente fallando, uma nova architectura; todos os caracteres geraes do estylo precedente foram conservados, a ogiva é sempre o elemento principal e dominante, mas quasi todos os detalhes se encontram modificados. Deram a esses detalhes um contorno mais correcto, mais delicado e uma execução mais apurada.

Em quanto esta mudança tinha logar na Inglaterra, a França e a Allemanha passavam por uma transformação igual. Foi na era de 1290 a 1310 que estes tres paizes abandonaram as proporções austeras e grandiosas do estylo de lanceta, por formas mais elegantes e exquisitas. Todavia, a similitude nas datas e a tendencia commum para uma decoração progressiva, não obstaram a que, na Grã-Bretanha, o novo estylo não apresente notaveis particularidades. Comparando-se as obras primas do xiv seculo, tanto a egreja de Saint Ouen de Ruão como a da Batalha, a um dos typos mais bellos do estylo *Decorated english*, como é a nave e capella mór da cathedral de York, que está construida com igual delicadeza e elegancia, tendo identico character, nota-se logo a differença nos detalhes e o quanto se afasta da identidade de formas, que provinha, no xi seculo, da recente influencia da conquista da Grã-

Bretanha, d'essa força produzida pela união que possuia o catholicismo.

Por conseguinte, as diversidades nas formas principiam a apparecer no xii seculo, de uma maneira mais distincta que no xiii; porém, foi principalmente no seculo seguinte que vieram a ser mais assignaladas e distinctas, e á medida que o tempo decorre se patenteiam cada vez mais. Tanto assim, que depois de 100 annos, no reinado de Luiz XII e dos Tudor, existiam duas variedades do mesmo estylo, e mais duas architecturas surgem completamente distinctas!

POSSIDONIO DA SILVA.

O MONUMENTO DE MAFRA

A'cerca dos pára-raios

Concluida, em 1730, a soberba edificação de D. João V, erguiam-se alterosas as duas torres e a formosa cupula do zimbório, desafiando as nuvens, sem que os seus constructores soubessem livral-as dos insultos que, porventura, podessem advir-lhes pelo effeito das descargas electricas que aquellas lhes arremessassem. Franklin, o novo Prometheu, não apparecera ainda e, depois mesmo da invenção dos seusapparelhos — 1752 — muitos annos decorreram sem que se pensasse na defeza da grande mole. Contra os terriveis effeitos da electricidade atmospherica só havia o sino denominado de *Santa Barbara*, de som plangente, que se fazia tocar todas as vezes que as trovoadas se approximavam do edificio! Era então o convento habitado pelos frades da ordem de S. Francisco.

No reinado de D. José, o marquez de Pombal, tendo feito diversas reformas nas ordens religiosas, e supprimido alguns dos mosteiros e conventos, estabeleceu em Mafra os conegos regantes de Santo Agostinho, que em Lisboa occupavam o mosteiro de S. Vicente de Fora. D. Joaquim da Assumpção Velho, um dos conegos e socio da academia real das sciencias, em uma memoria apresentada á mesma academia, em 1786, refere o seguinte ácerca de seis raios caidos no edificio de Mafra, no espaço de 60 annos — 1717 a 1786.

Diz o erudito academico que o primeiro raio cahira no começo da obra, proximamente no logar da capella-mór. O segundo succedeu em 1731; não causou estragos. O terceiro cahiu em 1740, na occasião em que estavam tocando os sinos; os frades donatos, a quem pertencia aquelle serviço, fugiram terrorisados; a faisca não causou prejuizos porque, segundo a opinião de D. Joaquim, o fluido electrico consumiu-se nos metaes da torre. O quarto foi sobre o zimbório, em 18 de fevereiro de 1765; a sua actividade pareceria incrivel, diz o

mesmo conego, a não se demonstrar pelos effeitos. — O lanternim ficou inteiramente damnificado; algumas pedras de grande pezo, salvando os terraços, foram arremessadas longe do edificio; as lascas cahidas na igreja carregaram vinte carros, quando se procedeu á remoção d'ellas; só ficaram intactas a cruz e ornatos e a pedra que constitue o fêcho; o restante ficou tão destroçado que causava admiração como podia sustentar-se de pé. Em dezembro de 1772 cahiu outro raio na torre do norte; já a este tempo o mosteiro era habitado pelos conegos regantes, que haviam prohibido o toque do sino de Santa Barbara nas occasiões de trovoadas. A prohibição não agradou — e dois operarios insubordinados, subindo á torre, provocaram a explosão da nuvem que, lançando a faisca, os obrigou a fazer calar o sino; os homens, porém, não tiveram perigo, nem houve estragos. O sexto e ultimo raio cahiu no dia 19 de março de 1786; como era dia festivo, os sinos tocavam.

Tratava-se dos officios religiosos: no côro estavam oitenta conegos, e na igreja achavam-se duzentas pessoas approximadamente. A nuvem impellida por tempestuoso vento N. O. fez a explosão em frente do edificio, despedindo dois raios em direcção obliqua á torre do sul, entrando um pelo alto, e outro pela ventana; este veio logo ao alrio, onde causou prejuizos e, segundo a opinião de D. Joaquim, a sua actividade juntando-se á da outra faisca que descera, e não podera ser absorvida nos metaes da torre, fez então maiores estragos: quebrou quinze degraus de uma escada de comunicação para os relogios, tirou uma grande lasca de pedra a uma columna, arrombou a parede de cantaria deslocando-lhe algumas pedras, partiu vidros e, passando ainda sobre o terraço onde fez novos destroços, introduziu-se na igreja, causando grande susto e graves incommodos a muitas pessoas que foram arremessadas ao chão.

A scena no côro foi mais tragica — diz o reverendo conego:

«Viu-se distinctamente entrar uma faisca na direcção do grande lampadario do altar-mór, que é de ferro e bronze; dois conegos dos paramentados com pluviaes, inteiramente de seda, que estavam no plano do presbyterio, por baixo do lampadario, foram feridos por uma faisca que ali saltou e os fez cahir de costas sobre os degraus; um ficou mortal, e passou mais de um quarto de hora primeiro que desse signal de vida; depois de vinte e quatro horas tornou a si inteiramente; os ornamentos e vestidos ficaram intactos, menos o sapato do pé direito, que teve o talão despedaçado; a cara e o corpo ficaram queimados, e o lado direito e as costas tiveram vergões, como se fora assado em uma grelha.

«O outro conego, que foi attingido pelas pernas, achou-se queimado na curva da perna esquerda, e junto ao sangradouro do braço direito; e o sapato do pé esquerdo ficou rasgado em todo o comprimento do pé. A lampada d'onde se despediu a faisca apagou-se, ficando crestado o ornato; os vestidos e as carnes exhalavam cheiro electrico muito suffocante e activo, que se derramou pela igreja; o pavimento de marmore, na parte que correspondia aos pés dos conegos, ficou com alguns pequenos buracos.»

Entre as muitas considerações apresentadas pelo erudito academico n'aquella sua memoria, pondera elle que o edificio, no espaço de 60 annos, soffreu seis descargas; que os raios procuraram os pontos mais elevados, e seguiram os metaes com preferencia a outro qualquer objecto, para o que concorreria a elevação do terreno, a altura das torres e zimbório, e a grande quantidade dos metaes; e observa que no espaço de 15 annos, em que habitava no mosteiro, não tinha havido trovoadas estacionaria, e por isso não julgava o sitio tempestuoso nem sujeito ás trovoadas.

Com quanto fossem em 1786 já conhecidos os estudos de Franklin e o seu systema dos para-raios, não estava este ainda geralmente adoptado; e os do edificio de Mafra, não sendo os primeiros da Europa, são todavia os primeiros em Portugal, e uma das importantes obras que os conegos regantes ali deixaram.

A comunidade, refere D. Joaquim, pediu a el-rei o beneplacito para estabelecer os pára-raios, o qual lhe foi concedido.

D. Joaquim foi o encarregado da collocação d'elles.

Depois do estabelecimento dos famososapparelhos, ainda que por bastantes vezes tenham cahido fiascas electricas no edificio, nunca mais ali houve estragos; porém, em 1814 succedeu sobre o zimbório uma descarga fortissima e de uma actividade tal que o raio, percorrendo todo o ambito da igreja circundado pelo conductor, despedaçou este em todos os angulos que elle descreve obedecendo á figura cruciforme, chegando a fundir o metal, e deixando a chapa de cobre, de que é feito o conductor, queimada e torcida com a consistencia de ferro.

Tambem em 1858, por effeito do tremor de terra, que aconteceu em novembro d'esse anno, o pára-raios que está sobre a cruz do zimbório rebentou, e a haste central, que é sustentada por espiaes, no terço inferior, descabiu ficando a extremidade aguda voltada para a povoação; dias depois, sobrevindo ali uma faisca, escapou-se uma porção do fluido electrico que feriu uma casa em frente do edificio, fazendo n'ella alguns estragos; —

a maior porção, certamente, desceu pelo conductor para o solo.

Observámos, também, ha annos, que tendo cahido uma faísca na torre do sul e entrando necessariamente no relógio, na passagem pelo terraço, despedaçou uma pedra por onde o conductor seguia; viu-se depois que no ponto em que aconteceu o sinistro havia solução de continuidade do fio, o que era desconhecido por estar elle occulto com a cobertura de chumbo, e ainda sobre esta uma camada de bitume.

Ora, posto que os pára-raios estendam a grande distancia a sua acção preservativa, contudo influem consideravelmente a grandeza da nuvem tempestuosa, distancia, movimento, e quantidade de fluido electrico de que se achar carregada; devendo, por isso, ter se muito em conta a boa construcção dosapparelhos, a sua collocação, e a qualidade do metal empregado na feitura d'elles. E nos conductores não deve existir o menor obstaculo que embarace o movimento da electricidade em toda a extensão do fio, ficando este a descoberto para se conhecer do seu estado de conservação; e quando ha já necessidade de o dobrar, para se amoldar á configuração do edificio, convem ser em curvas perfeitas, e não em angulos rectos.

Trataremos do numero e disposição dos pára-raios existentes no edificio.

Os pára-raios no edificio de Mafra são 17, distribuidos pela seguinte fórma: — 1 no zimbório; 2 nas torres; 2 nos torreões; 2 nos dois pontos extremos da parallela da linha da frente; 4 no centro da mesma linha; e 6 nas duas faces lateraes, sendo 3 por cada lado.

O do zimbório, estabelecido sobre a cruz, compõe-se da vara de bronze fundido, cylindrica e de figura conica, guarnecida de hastes lateraes, formando 45° com a linha do horisonte; do pé da cruz sae o conductor que segue interiormente pelo corrimão de uma escada e, passando occulto pelo terraço, vae directamente á terra; acha-se, porém, assaz complicado, porque a elle se juntam dois fios, um que também pela parte interna circula a cupula, e outro que no terraço circumda a figura cruciforme da igreja e communica com os relógios, obedecendo a todos os angulos reintrantes e salientes, sendo-lhe assim difficil resistir á velocidade de uma grande quantidade de fluido electrico e de uma actividade incalculavel, como se observou no acontecimento de 1844.

Nas torres servem de pára-raios as barras de ferro que seguram os gallos, e onde outr'ora havia cruces do mesmo metal; são imperfeitas, porque as extremidades das barras não estão precisamente agudas; os conductores que descem d'aquelles apparelhos entram nos relógios, e na sahida ramifi-

cam-se com o fio que circumda a igreja; o que é superfluo, achando-se elles directamente encaminhados á terra.

Os pára-raios dos torreões são constituídos da haste central de bronze, de figura conica, com 5^m,8 de altura, guarnecida de hastes lateraes que, como no zimbório, formam 45° com a linha do horisonte; porém os conductores, ligados á extremidade inferior da haste, passam pelo interior de chaminés em toda a altura do grande corpo e, tornando-se invisíveis até á terra, não se pôde assegurar que não haja solução de continuidade; e uma explosão n'aquelle logar pôde causar gravissimos desastres.

Os dois apparelhos dos pontos extremos da parallela da frente são compostos sómente da vara de bronze fundido, de figura cylindrica e ponteguda; da base parte o fio conductor dirigido interiormente pela abertura de um respiradouro; — pôde dar se a mesma hypothese que nos torreões.

Os da linha parallela, também de uma só haste vertical, communicam-se entre si pelo conductor que passa por baixo de uma cimalha, ponto inacessivel e difficil de observar. Os das faces lateraes, menos importantes, mas muito uteis, teem os conductores em communicação directa e immediata com o solo.

Vê-se, portanto, que o edificio, em toda a sua area, está bem defendido, achando-se convenientemente guarnecidos os pontos principaes e mais elevados. E' ainda a organização dada por D. Joaquim da Assumpção e que até hoje não foi alterada.

O illustre academico, na sua « memoria » que deixamos citada, promettia dar conta dos trabalhos de collocação dos apparelhos; não a encontramos, nem sabemos se existe¹. E' de crer que elle desenvolveria magistralmente as theorias adoptadas na época, pelas quaes se admittia que o pára-raios subtrahia a electricidade ás nuvens: — está hoje demonstrado o contrario. — Sabe-se que, quando a nuvem electrisada positivamente se fórma na atmosphera repelle a electricidade positiva, e attrahe a negativa que se accumula, especialmente, nos corpos mais elevados; se estes corpos estão ar-

¹ A nosso mestre, o conego regente, sr. D. João do Coração de Maria, ouvimos dizer que todo o metal para os pára-raios e conductores viera de uma barca hespanhola que naufragára em Peniche. E, dizia-se na communidade que D. Joaquim se ufanava da obra por elle dirigida; e d'entre alguns episodios que citava, lembra-nos um engraçadissimo: — D. Joaquim sempre que havia trovoadas corria para o terraço. Certo dia foi elle acompanhado por um leigo que levava alguns instrumentos; as nuvens approximavam-se, e os trovões eram repetidos e medonhos; o leigo tremia, não obstante as prelecções de D. Joaquim, certificando-lhe que o raio não podia cahir n'outro ponto que não fosse algum d'aquelles apparelhos — eram essas as leis de physica. — O leigo, que não podia resistir mais, diz a D. Joaquim: « O que eu temo é que venha um raio estúpido que não saiba as leis de physica, e, cahindo sobre nós, nos esmague. » O leigo sabia, talvez, o que tinha acontecido a Rickmann.

mados de pontas metallicas, a electricidade negativa, atrahida pela influencia da nuvem, derrama-se na atmosphaera, e neutralisa a electricidade positiva da nuvem; portanto, os pára-raios oppõem-se á accumulação da electricidade na superficie da terra, e levam as nuvens tempestuosas ao estado neutro, prevenindo assim a queda do raio. Ora, como muitas vezes a electricidade é tão abundante que seja difficil a uma só ponta de pára-raios descarregar o solo, parece-nos judiciosa a guarnição das hastes lateraes, que serão outras tantas maneiras de esgôto. Assim, foram estabelecidos no zimbório e nos torreões, mas então, intencionalmente, para provocarem as nuvens tempestuosas em suas diversas posições, e subtrahir-lhes a electricidade.

Não é, porém, para as nossas forças, nem é mesmo o nosso designio, tratar de materia tão sublime, que só pertence aos homens de sciencia.

Parece-nos, todavia, ser muito conveniente simplificar os conductores, destruir-lhes as ligações superfluas, e adaptar a cada pára-raios dois ou

tres fios bem construidos, pondo-os a descoberto, e em contacto directo com o solo; de fórma que recebida a descarga no apparelho, o fluido electrico tenha sahida prompta e desembaraçada. No zimbório, que tem sido sempre o ponto mais ferido, não deveria haver menos de tres conductores, nas referidas condições, que poderiam ser de fios de ferro galvanizado.

E, sendo certo que todas as edificações estão sujeitas, mais ou menos, a serem feridas pelas descargas electricas, é da mais alta conveniencia que, não só os edificios publicos como tambem os particulares sejam guarneccidos com os pára-raios. D'estes apparelhos tão simples e tão baratos depende a conservação das edificações e, muitas vezes, a conservação das vidas.

Se peccamos no nosso modo de ver, merecemos indulgencia, porque as nossas aspirações são unicamente ao trabalho, e á gloria que d'elle resulta.

O socio

J. C. GOMES.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Damos n'este numero a publicação do manuscrito de uma memoria inedita do distincto litterato Manuel José Maria da Costa e Sá, digno sobrinho do afamado prelado de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, ácerca da estatua antiga de uma Divindade, que fôra descoberta nas proximidades d'aquella cidade em 1783, n'umas ruinas muito importantes de remota epoca, a qual, pela apreciação e consideração archeologicas do seu auctor, será lida com grande interesse pelos socios da nossa Associação; além do seu merecimento scientifico, tem para nós maior valia, pois o auctor d'esta memoria refere, que entre os vestigios das referidas ruinas se encontrou a mão do braço direito, de marmore branco, de primorosa esculptura, parecendo ser um fragmento da referida estatua, esculptura que foi offerecida ao nosso consocio o sr. Possidonio da Silva em 1868, com a declaração de ter sido descoberta em Beja, e que se admira no nosso museu do Carmo com o n.º 175 das suas collecções. É sem duvida, singular, que, passados tantos annos, se soubesse que essa esculptura tinha sido achada e a particularidade de suppor-se que talvez pertencesse á estatua da Divindade descripta n'esta memoria.

No dictionario de Innocencio Francisco da Silva, se refere que Costa e Sá tinha deixado muitos manuscritos ineditos, porém no numero d'elles não cita esta memoria do auctor, assignada por elle. Portanto, tem duplicado interesse a publicação, devendo-se este importante conhecimento ao ex.^{mo} Monsenhor Elviro dos Santos, nosso illustrado consocio, que nol-o offereceu, pelo que repetimos os emboras que já na sessão da Assembléa geral lhe foram prodigalisados.

A REDACÇÃO.

MEMORIA

PARA SERVIR DE ILLUSTRAÇÃO AO DESENHO DAS RUINAS DE UMA ESTATUA DESCOBERTA EM BEJA
QUE SE DISSE SER DE CYBÉLES

..... E se antigualhas temos capazes de comprazerem por sua figura, venhão a par das cousas que hoje possuímos, buscar agrado e acceitação. Occultas memorias acharão agasalhado e favor, sendo trazidas com a diligencia que as faça bem receber.

CUIDADOS LITERARIOS DO PRELADO DE BÉJA, — Pag. 85.

Entre muitos e diversos monumentos, que desentranhou de si, o territorio de Beja, tão rico em antigualhas de todo o genero, e ancianidade, nos dias em que ahi foi Prelado meu saudosissimo Tio o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas, depois Arcebispo de Evora, vulto faz de merecer reparo a Estatua de

Cybeles. — E creio, não he repugnante trazer a tão sabia Academia hum desenho da mesma Estatua, sollando a semelhante respeito a voz, que se me póde permittir.

Correndo o anno de 1783, como se carecesse de pedra para certa obra das Propriedades que na Cidade de Beja o Capitão João Manoel da Veiga, Pessoa de cabedaes, lembrou que esta se haveria das ruinas soterradas na quinta que o mesmo possuia a meia legoa de Beja sobre o caminho d'Evora, onde chamam Sulatesta; senão he, que por outras vezes tal expediente se teria praticado. — O terreno respondeo logo com muita pedraria, indicando a raridade e preço das ruinas que encerrava. D'isto houve noticia o nosso Ex.^{mo} Prelado, e preste se deo em afervorar sua escavação quanto em si cabia.

Para muito encarecer a valia deste achado, foi a copia dos monumentos que e descobriram, de primor, e typo mais variado ao nosso reflexivo meditar. — A Estatua, dita de Cybéles, maior que o natural; huma Mão de acabado desempenho, tendo a patéra, e de proporções a ser da mesma Estatua; outra pequena Estatua, bem proporcionada; hum grande, e magnifico Banho; Laternas sepulcraes de perfeição excellente; Urnas de muito preço; Vasos Lacrimaes, e outros, ao tálhe Etrusco, com elegancia de gosto; Anneis d'ouro, e de grande peso; Fragmentos de pedaços de Pés, Dedos, e outros restos de Estatuas, e Idolos; Moedas varias; Destroços de Columnas, Alquitravas e Frisos; muitas Lapidias Romanas, e objectos outros, relativos aos usos, e serviços de suas gentes (*); e o mais, Ladrilhos, onde se viam caracteres desconhecidos, que seriam ou Phenicios, Celliberos ou Turdetanos, parece que, semelhantes aos que se acham nas pedras de cantaria do Castello de Fdro, e Torre de Béja: Eis a summa do extrahido, que bem avigora a idéa da grandeza do alli sepultado (**). Por que, pintando este descobrimento riqueza de satisfazer com usura, o trabalho do proseguimento na sua exploração, para evitar o damno que receberia hum pequeno Olival arraizado no sólo, e por motivos outros, ainda de mais baixo estôfo, se terminou sua escava, mandando-se aluir, e igualar o profundado. — Parte dos monumentos encontrados trouxe abom recado aquelle sabio Prelado; outros se perderam, por hum não sei que, de silencio.

O Desenho presente, he segundo o que da mesma Estatua tirou em aguadas de Nakim, hum dos Individuos adjunctos á viagem Literaria que fez a estes Reinos o desvelado investigador D. José Cornide; e com o qual brindou a liberalidade com que o nosso Prelado lhe franqueou seu Monetario e Galeria: E vindo o mesmo Prelado a Lisboa, no anno de 1802, por occasião de ser nomeado Arcebispo de Evora, como tivesse idéa de adiantar a impressão das Memorias do Bispado que deixava, entre muitas coisas de sua antiguidade que trouxe, veio o dito Desenho (*). Por esse tempo recebia eu tinturas da arte de desenhar; e desejuando meu Pai possuir hum perfil daquelle, o houve, acompanhado d'hum contorno de que o nosso Prelado fazia caso: Segundo estes transumptos, debaixo das vistas do meu Mestre João Castanhola, Pessoa habil, e d'instrucção Romana, executei hum, que talvez por ser de traços, e mais assignado o nosso Ex.^{mo} Prelado veio a appetecer outro semelhante. O que offereço agora é copia fiel daquelle; ainda que, já de mão desacostumada e pouco sustida. O simples contorno abona a excellencia da Estatua: escusa notar-se o garbo da acititude, o lançado da roupagem, a delicadeza no enrugado das pregas, o solto e disposição nas dobras, de ajuste attendido ás feições do corpo: e só direi, que a Mão da Patera, que vi, e que era da Estatua, segundo as proporções, ostentava desempenho primoroso. A finura da culis, o subtil do formado, o relance aos toques das juncturas, a branda maciez da carne, dava na vista; e fazia conhecer desempenho de perfeita naturalidade, que seu Estatuario, senhor da arte, tinha desenho, manejava as regras, batia o escopro, e tocava o cinzel á mestra, de não se escusar talvez a liça com os Phidias e Praxiteles: Sendo a Estatua, se fosse inteiriça, sem mutilado, e roçaduras tão sensiveis (*), não inferior ás que se constituíram objecto dessa pagina curiosa na historia de Nossa Era, de que o vindouro fará juizo. Ao menos, Artistas houve e Pessoas aventuradas, que viram os portentos, que d'esse genero, se admiram na Italia, e outras Partes, que observando a dita mão se expressaram de maneira não differente.

(Continúa)

MANUEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ.

(¹)
Nota I.

(²)
Nota II.

(³)
Nota III.

(⁴)
Nota V.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTA

(Continuado do n.º 9)

Em geral, os paramentos sagrados dos padres e dos ministros inferiores eram brancos. O uso das côres variadas manifestou-se primeiramente nas *casulas* e nas *capas d'asperges*.

As cinco côres liturgicas de que se servem hoje, foram estabelecidas pouco mais ou menos no ix seculo, e definitivamente consagradas dois seculos depois.

Os paramentos dos padres são as *casulas*, a *capa d'asperges*, a *estóla*, o *manipulo*, o *cinto*, a *ôpa* e o *amicto*. As principaes vestimentas, proprias para os ministros inferiores, são a *dalmatica* e a *tunicella*.

A casula primitiva era uma vestimenta sem mangas, muito ampla, envolvendo todo o corpo desde o pescoço até aos pés, e formando uma especie de barraca, *casula*, em torno da pessoa que a vestia. Tinha apenas uma abertura para passar a cabeça.

A *estóla* deve o seu nome e origem ao vestuario que os romanos chamavam estola.

A Igreja adoptou como paramento a *estóla*, de que se fazia uso por toda a parte, na occasião em que se estabeleceu o Christianismo.

O *manipulo* não se usava durante os primeiros seculos da Igreja. Foi S. Gregorio o Grande, (590-604) quem primeiro fallou, em seus escriptos, do manipulo como paramento sagrado.

A *capa* é um paramento commum ao padre e a alguns dos ministros inferiores. Primitivamente serviam-se da capa para se resguardarem da chuva nas procissões; é tambem por este motivo que ella se chama muitas vezes *pluvial*.

A *alva* e o *cinto* devem a sua origem á *tunica talar* dos antigos, que era um vestuario de linho, munido de mangas e apertado á roda do corpo com um cinto.

A alva era vestida nas funcções sagradas pelos bispos, padres e todos os ministros inferiores.

O *amicto* é uma especie de têla de que os padres e os ministros se servem para cobrir o pescoço. A origem d'este vestuario não vae além do viii seculo.

Durante os tres primeiros seculos, os diaconos trajavam o *colobio*, que era uma especie de tunica longa e estreita, ordinariamente sem mangas. Foi no principio do iv seculo, que o Papa S. Silvestre substituiu o *colobio* pela *dalmatica*.

A *dalmatica* era uma bluse comprida, feita de lã da Dalmacia.

Até ao vii seculo, os sub-diaconos da Igreja do Occidente não eram vestidos senão com a alva, com o cinto e com o amicto.

Mosteiros Latinos

Foi no principio do vi seculo, que começaram a maior parte dos religiosos a reunir-se em communitade, e a viver juntos, debaixo do mesmo tecto. Vivia então S. Benedicto.

Iconographia do periodo Latino

Muitos monumentos do periodo Latino, sobre tudo os mais antigos mosaicos, conteem personagens em pé e attitude respeitosa, tendo nas mãos, envoltas nas rugas do manto, uma corôa em fôrma de circulo, que offerecem ao Salvador. Este é representado sob a fôrma symbolica do Cordeiro, do monogramma, da Cruz, e até mesmo d'um simples espaço vazio.

Christo, debaixo da fôrma symbolica do Cordeiro ou do monogramma, no meio de doze cordeirinhos ou de doze pombas, que os monumentos do periodo Latino nos offerecem frequentemente, symbolisa o Salvador rodeado dos seus discipulos, isto é, a Igreja triumphante no Céu, recebendo na terra o ensino do seu Divino Fundador.

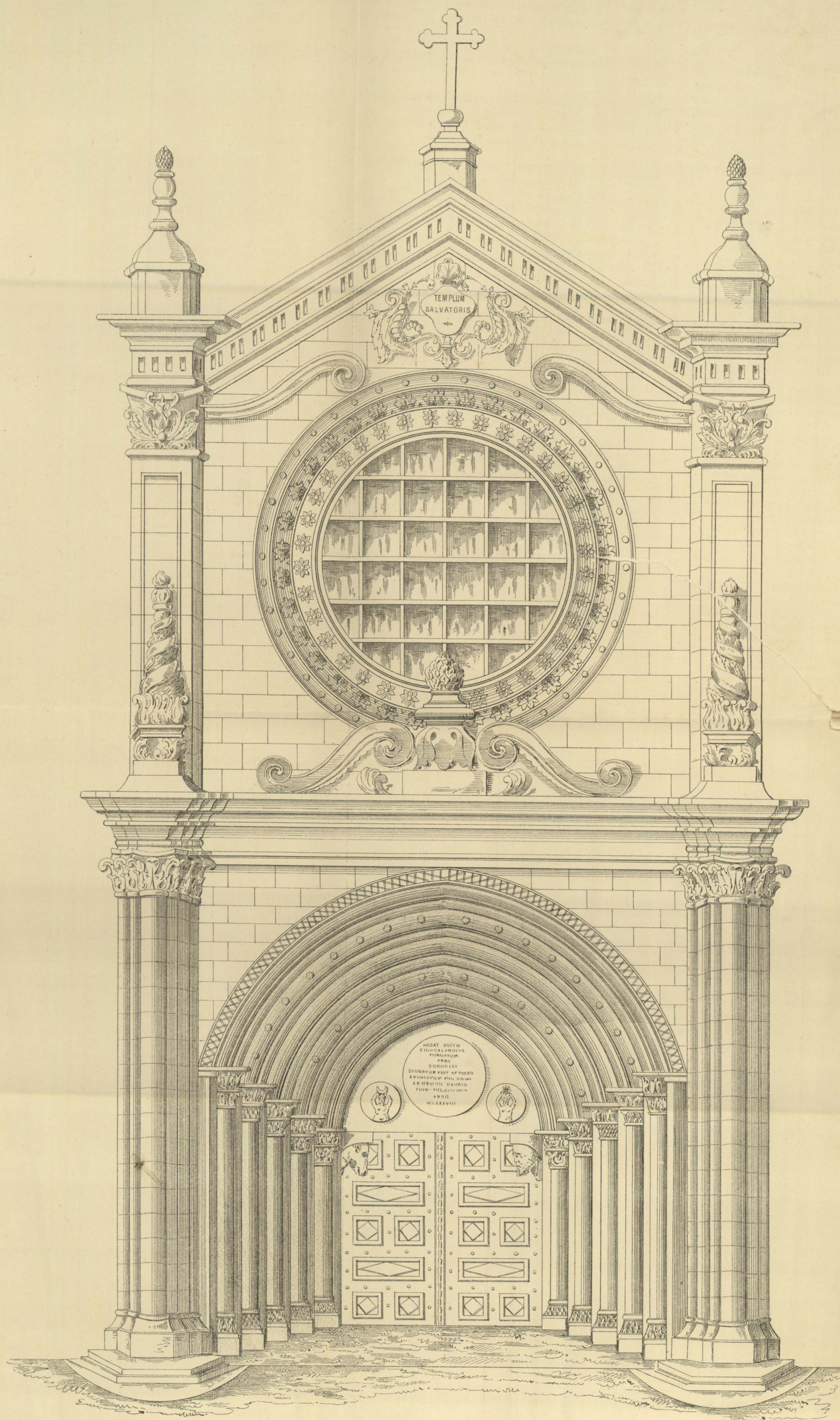
Tambem muitas vezes se encontra um cordeiro, uma Cruz Trina, ou o monogramma de Christo entre dois cordeiros, duas pombas, dois pavões ou dois veados; isto symbolisa o Salvador sob a fôrma humana no meio dos Apostolos e d'outros Santos, ou sob a fôrma symbolica do Cordeiro e do monogramma no meio de doze cordeirinhos ou doze pombas.

Vê-se tambem uma taça ou um cacho de uvas no meio de dois pavões ou de duas pombas, o que nos parece uma allusão mais directa ao regosijo dos que vão para o Céu.

Alguns monumentos do periodo Latino, principalmente os mosaicos do v e vi seculos, teem um throno, com ou sem docel, e em que ha uma almofada, um cortinado cahindo diante da cadeira e algumas vezes o livro dos Evangelhos. Um monogramma ou uma Cruz, geralmente da Trindade, occupa o meio do throno e domina toda a composição. Muitas vezes vê-se, ao lado do throno, os doze Apostolos em pé, ou sómente S. Pedro e S. Paulo. Em todos estes assumptos o throno representa o Salvador.

Mais tarde, principalmente no Oriente, accrescentaram a esta representação novos signaes iconographicos: nas extremidades da almofada collocavam á direita da Cruz a lança, e á esquerda a esponja na extremidade d'uma lança; algumas vezes tambem se entrelaça a corôa de espinhos em torno da Cruz. A partir d'este momento, a *cathedra* da doutrina torna-se o throno do julgamento final e a Cruz o signal do Filho do Homem.

S. Pedro, collocado ao lado do Salvador, sustenta



Portal da Igreja do Paço de Souza.

ordinariamente sobre o hombro esquerdo uma cruz de haste comprida; outras vezes recebe com a mão direita um volume desenrolado, que Nosso Senhor lhe apresenta. Desde a primeira metade do v século, que elle conserva as chaves na ponta do seu manto.

S. Paulo é quasi sempre representado recebendo um ou dois rolos, symbolos da Lei Evangelica.

Muitas vezes tambem collocavam uma phenix sobre uma palmeira. A Phenix é a figura da resurreição futura.

Caracteres do estylo Bysantino

O plano e a disposição das egrejas bysantinas apresenta-se com tres typos distinctos: 1.º, com a basilica coberta de madeira, similhante á basilica Latina do Occidente; 2.º, com a rotunda ou igreja circular; 3.º, com a basilica bysantina propriamente dita, abobadada e sobreposta d'uma ou de muitas cupulas. A basilica bysantina abobadada distingue-se perfeitamente de todos os monumentos dos tempos anteriores, pela cupula sobre abobadas *pendentes*, e construida ao meio d'uma nave, mais ou menos alongada.

As fachadas das egrejas bysantinas differem das que têm as basilicas Latinas. Estas terminam em geral por um frontispicio triangular; as fachadas das egrejas orientaes, pelo contrario, terminam ou por uma fachada horisontal á maneira d'uma cornija, ou por uma série de corôamentos semi-circulares.

O systema de construcção das egrejas bysantinas distingue-se pelos seguintes traços. O tijolo é geralmente empregado para todas as edificações. Mesmo nos paizes em que a pedra é abundante, os architectos bysantinos preferiam, a maior parte das vezes, o tijolo aos materiaes de grandes dimensões. O caracter distinctivo das egrejas bysantinas, sob o ponto de vista da construcção, consiste na presença de uma ou de muitas cupulas elevadas, sobre abobadas pendentes.

Chamam-se *abobadas pendentes* umas certas sa-liencias nas abobadas do cruzeiro, que pela sua fórma se approximam do sector espherico e que serve para fazer passar uma construcção de quadrado a octogono ou a plano circular.

A decoração exterior das egrejas bysantinas, sobretudo no iv e v séculos, era pobre e simples. Do vii século ou do viii século em diante, os ornamentos exteriores das paredes e archivoltas das janellas são bastantes vezes como os dos edificios Latinos, formados por fiadas de pedras alternadas com uma ou muitas fiadas de tijolos. As archivoltas ornadas de molduras ficam em resaltos umas sobre as outras, e representadas nas paredes por cordões feitos de tijolos de fórma e côr variaveis.

A decoração *interna* consiste em revestimentos de diversas naturezas, marchetados de marmores ou mosaicos, applicados sobre os pilares, paredes e abobadas. O caracter essencialmente superficial da esculptura bysantina consiste regularmente em folhagens lisas e angulares.

Os ornatos que os bysantinos gostavam de esculpir nas almofadas de marmore com que decoravam o interior das egrejas, eram entrelaçamentos de linhas rectas e curvas, ás quaes juntavam cruces da Trindade, florões e algumas vezes figuras de animaes tanto reaes como chimericos.

(Continúa)

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 81

EDIFICIO RELIGIOSO DO PAÇO DE SOUSA

A presente estampa representa o frontispicio que substituiu a antiga fachada da igreja pertencente ao mosteiro dos monges beneditinos, que foi fundado em 960 por Troycozendo, avô do famigerado Egas Moniz, o qual deu aos monges, em 1130, o palacio em que tinha nascido no anno de 1050, tendo-se ampliado muito este edificio que fica situado no valle por onde corre o rio Sousa, e deu o nome á residencia do doador. Teve, pois, a designação de *Paço de Sousa*, mas, havendo o cardeal rei concedido aos monges que fossem extinctos os commendatarios em 1580, vieram depois os abbades administrar as rendas; grande parte d'estas foram applicadas a reparar e melhorar este edificio, o que causou (como é costume) destruir a primitiva construcção e alterarem-lhe o typo architectonico.

No anno de 1605 teve esta igreja nova reedificação, o que obrigou a remover o tumulo d'Egas Moniz para a capella-mór, e tambem, em 1741, o abbade, querendo dar mais elevação á dita capella, entendeu que ficaria mais elegante fazendo-a rebai-xar dois metros: foi necessario por isso transferir outra vez o tumulo para o corpo da igreja, ficando já então *deslocada* a inscripção do monumento!

O portal existente é da segunda epocha ogival, que mostra a estampa, mas sómente na sua parte inferior. As columnas teem capiteis de ornamentação differentes, de linda composição, alguns, os que ficam do lado do norte, deteriorados pela acção do tempo. Nos arcos ogivaes que ornão o portal, ainda se conhece o começo para se saber traçar a fórma mais perfeita da ogiva. O que é singular (posto que não seja pela primeira vez representado) é ver a esculptura da cabeça de S. Marcos e do seu symbolo correspondente servindo de misulas para sustentar a verga do portal. O Sol e

a Lua que apparece na empena do frontispicio era de uso na idade media figurarem por cima do portal; representava a *Lua* a Synagoga, a antiga Lei; e o *Sol* a nova Lei do christianismo.

O que causa vergonha é o feito ridiculo do caixilho da vidraça moderna que serve no oculo que dá luz á egreja, assim como o remate superior do edificio, que, sendo d'um outro estylo, produz uma desharmonia que offende o bom gosto e patenteia a falta de criterio de quem auctorisou similhante reconstrucção!

Este portal é um dos melhores do seu typo que possui o paiz, e juntando-lhe a memoria d'esta egreja ter servido para o jazigo do illustre varão portuguez, mais importancia se deverá dar á sua conservacção.

Vem a proposito noticiar o vandalismo que ultimamente se praticou com os restos mortaes de tão assignalado personagem.

Quizeram limpar as esculpturas do sarcophago d'Egas Moniz, e resolveram, por ser mais commodo, deslocarem as pedras, com o desejo de conservar os ossos, não no logar que occupavam dentro do tumulo, mas sim mettidos n'uma reles caixa de *folha de Flandres*, a qual foi soldada, e para se saber o que ella continha, collocaram-lhe uma tira de papel almaço com a respectiva designação, ficando a referida caixa depositada a *um canto* da sachristia!

Quando eu fui, em 1884, ver este edificio, que está incluído no numero dos monumentos nacionaes, ao entrar na egreja fiquei surprehendido de ver as esculpturas do sarcophago divididas e mettidas na face das paredes da nave, porém com calculada symetria, pois ficaram separadas em duas partes e collocadas na frente uma da outra, nas paredes lateraes do edificio. Perguntei pelo cofre de pedra que pertencia a este tumulo e respondeu-se-me que estava no largo aparando a agua da torneira d'uma bica publica! Muito mais surprehendido fiquei quando inquirei onde estavam os restos mortaes de Egas Moniz e me mostraram a mencionada caixa de folha.

Para esta profanação e vandalismo ficar mais patente e ser conhecido dos visitantes (menos das auctoridades) posto que esteja visivel para todos, admira-se o cuidado que houve pelo respeito á memoria do illustre finado, de haverem conservado por baixo das esculpturas, em duas linhas separadas, o epitaphio que em uma só linha circumdava o sarcophago. Todavia o mais curioso e notavel é ter ficado uma das tres pedras que contém o citado epitaphio, a pedra do meio, com as letras collocadas em sentido inverso! Há muitos annos que estava exposta por esta intelligentissima maneira!

Tendo representado ao Governo pela falta de veneração de tão respeitaveis despojos, afim de res-

tabelecer o seu jazigo como era na primitiva, determinou que se fizessem os concertos necessarios: ficará, portanto, collocado o sarcophago na capella-mór do lado do Evangelho, desapparecendo ainda que tardio esse estúpido vandalismo.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Na sessão da Assembléa geral de 10 de outubro teve a honra de apresentar o sr. presidente Possidonio da Silva a proposta para ser eleito Sua Alteza o principe D. Pedro Augusto Cobourg, neto de Sua Magestade o Imperador do Brazil D. Pedro II, para socio honorario da nossa Real Associação, na conformidade da auctorisação que o illustrado principe havia concedido ao nosso presidente, quando Sua Alteza esteve em Lisboa no outomno passado.

Esta subida distincção que novamente recebeu a Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, não sómente dará maior consideração a este instituto, como tambem se fará publico, que uma outra pessoa real de um importante imperio pela sua prosperidade e illustração, dignou-se ajuntar o seu distinctissimo nome ao de S. M. El-Rei D. Fernando II e ao do Principe Real D. Carlos de Bragança, que nos honraram com sua augusta protecção e concedendo-nos a distincção de serem socios d'esta Real Associação.

Resultado das eleições na Assembléa geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em 18 de dezembro de 1887, para o exercicio do anno de 1888:

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente, Joaquim Possidonio Narciso da Silva; *vice-presidente* (architectura), Valentim José Correia, (archeologia) visconde de S. Januario; *secretario*, (architectura) D. José de Saldanha Oliveira e Sousa; *vice-secretario*, Ernesto da Silva; *secretario* (archeologia), visconde de Alemquer; *vice secretario*, visconde de Castilho; *thesoureiro*, José da Cunha Porto; *bibliothecario*, Conselheiro José Silvestre Ribeiro; *conservadores*, Conselheiro Jorge Cesar de Figanière, General Antonio Pedro de Azevedo.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

Presidente, Valentim José Correia; *secretario*, José Antonio Gaspar; *delegado*, José Maria Caggiani; *supplente*, Ernesto da Silva.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Presidente, Ignacio de Vilhena Barbosa; *secretario*, Zephyrino Brandão; *delegado*, Borges de Figueiredo; *supplente*, Eduardo Dias.

SECÇÃO DE CONSTRUCCÃO

Presidente, General Antonio Pedro de Azevedo; *secretario*, D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa;

delegado. Bernardino José de Carvalho; *supplente*, Alfredo Keil.

Um descobrimento de grande interesse para os estudos prehistoricos foi feito em Portugal no anno findo, constando de *vinete instrumentos de cobre*, o que nas proximidades da cidade de Leiria teve logar por um acaso. Querendo-se deitar abaixo um decrepito carvalho cujo tronco já estava ouco, e ameaçava perigo se caísse sobre alguém, resolveram tiral-o do sitio em que tinha crescido, achando-se debaixo das suas raizes os instrumentos de cobre, os quaes estavam postos por ordem uns sobre os outros. Isto demonstra que ha muito estavam occultos no terreno, pois que não foram vistos quando se plantou a arvore, assim como o arranjo em que se achavam faz suppor que fosse um esconderijo d'aquella época. Pôde o nosso presidente obter tres exemplares para a collecção do museu, sendo de muito apreço, porque instrumentos d'esta qualidade de metal são raros em todas as regiões onde têm apparecido vestigios do homem prehistorico.

O nosso consocio o sr. dr. abbade de Miragaya Pedro Augusto Ferreira pelo seu reconhecido zelo em concorrer para a devida conservação das nossas antiguidades de todas as épocas, acaba de conseguir do illustrado Prelado da Diocese de Vizeu que os vinte e quatro quadros que existem na cidade e são attribuidos ao habil artista portuguez Gran Vasco, *fiquem expostos em uma galeria que se vae estabelecer*, tanto para a sua necessaria conservação como para serem mais bem apreciados os seus merecimentos pelos visitantes e principalmente os quatro paineis que occupam a parede da sacristia da Sé estando *contra a luz*, como havia o sr. Possidonio da Silva feito notar ao cabido d'aquella cathedral em 1874, offerecendo-se, *elle mesmo* para collocar esses paineis no lado opposto áquelle onde estavam, na referida sacristia, pois receberiam a luz devidamente e produziriam mais perfeito e bellissimo effeito. O cabido agradeceu e encarregou-se da transferencia; porém, esta ficou em esquecimento ha 14 annos! Ainda bem que o sr. abbade conseguiu que estes quadros tão elogiados pelos entendidos de todas as nações, fiquem d'ora ávante patentes não só para serem admirados, como evitar, por mais tempo, a censura do desleixo que têm tido as nossas antiguidades nacionaes. Merecidos louvores ao nosso illustrado consocio pela dedicação com que trata da conservação do que existe no paiz.

Verificou-se a inauguração da leitura de *publicações modernas e illustradas* de archeologia em uma sala no museu do Carmo, conforme o offerecimento que o sr. Possidonio da Silva fizera á nossa associação, depositando no referido museu 637 volumes e mais de 6:000 mil gravuras e estampas d'essa sciencia que possui, tanto em portuguez como em francez, hespanhol, italiano, inglez, allemão e sueco, para serem consultados pelos alumnos do curso de archeologia, bem como pelo publico curioso d'esses conhecimentos. Está franca a bibliotheca nas se-

gundas, quartas e sextas feiras de cada semana, que não sejam dias santificados, desde as 12 horas ás 2 da tarde.

NOTICIARIO

Novos descobrimentos archeologicos foram feitos em Roma, no sitio onde se achavam os jardins de Sallustio. Nos vestigios de uma escada de marmore de Pentélico, que conduzia a uma piscina, está representada na face principal, em baixo relevo, uma scena de banho; e na parte lateral vê-se uma tocadora de flauta dupla, muito joven e inteiramente nua, d'uma encantadora physionomia e de extrema pureza de contornos. Uma outra figura que está proxima, representa uma mulher trajando uma capa, debaixo da qual apparecem as pregas da tunica; tem os cabellos encaracolados e os pés calçados com sandalias.

O governo de Constantinopla tem augmentado o seu museu de antiguidades. Este museu occupa um edificio monumental, que foi construido no xv seculo por Mahomet II, e está situado nos jardins do serralho.

Grande quantidade de objectos de subido valor foram transportados, tanto fragmentos architectonicos, como sarcophagos, estatuas, etc. Admiram-se principalmente um *Zeus* e um hermaphrodita achados em Pergamo, assim como bellos bronzes vindos da Thessalia; vasos gregos, vidros phenicios, pertencentes ás escavações mandadas fazer pelo dr. Schliemann no local de Troia.

Ultimamente recebeu sessenta caixotes, um dos quaes pesava 13 toneladas, contendo os objectos descobertos em Saida, antiga Sidão. Sem duvida, o museu de Constantinopla virá a ser um dos principaes e causará vergonha aos paizes que não tratam da conservação das antiguidades que ha nos seus territorios.

Começarão este anno os monumentos de Paris a ter uma inscripção especial, para designar o architecto ou architectos que tiverem concorrido para a sua construção. Muito folgamos com esta louvavel determinação.

Ha mais de oito annos que a nossa Associação tinha approvado uma proposta similhante apresentada pelo seu presidente o sr. Possidonio da Silva, tendo-se alcançado do governo a devida permissão para se gravarem nos edificios publicos os nomes dos architectos e a era de suas edificações.

Em Athenas vão continuar as escavações em Mantinea. O theatro e a scena já apparecem nas suas principaes partes.

Proximo d'este local acharam-se os vestigios de alguns edificios, entre os quaes estará o templo de Héra, mencionado por Pausanias.

Uma serie de bellos capiteis Doricos, de epochas differentes, foram achados em construcções mais recentes.

Vão-se assentar 50 toneladas de *rails* d'aço nas ruas de Chicago; as suas superfícies são estriadas, ficando os intervallos cheios de uma composição bastante resistente.

O governo hespanhol acaba de crear novos distinctivos para os professores das escolas industriaes, de diplomatica, de architectura e de bellas artes; devendo os directores d'estas escolas assim como os professores da escola geral preparatoria para engenheiros e architectos, usar medalhas de ouro, mas as d'estes ultimos com fita differente.

Os quatro theatros principaes de New-York vão ter o panno do proscenio tecido de *amiantho*, para evitar que nos incendios se communique o fogo da scena para a sala.

Vae-se construir uma nova cathedral em Gibraltar, para a qual o governo inglez dá 11:000 metros de terreno.

O castello de Chantilly ficará completo, conforme o projecto primitivo, não sómente no que diz respeito á sua construcção, como tambem ao acabamento das esculpturas; igualmente se fará a installação da bibliotheca e das collecções artisticas. S. A. o duque de Aumale deseja que, na occasião em que o Instituto de França tomar posse, tudo esteja em ordem e com a devida commodidade para o publico.

A bibliotheca do Museu das artes industriaes, de Berlim, é composta de 8:000 volumes, representando as publicações existentes sobre estes estudos. Além d'isto, tem uma collecção de 25:000 photographias, gravuras e desenhos, classificados por assumptos e paizes.

Inaugurou-se em Zurich um monumento á memoria de Semper, insigne professor de architectura.

A patriotica direcção da Associação Industrial Portugueza tomou a louvavel iniciativa de promover uma exposição de todas as industrias do paiz, que terá logar na Avenida, no mez de maio do presente anno. Esta idéa será aceite, com fervor e reconhecimento, por todos os industriaes que se teem empenhado em realisar tão louvaveis progressos.

E' de esperar que todos se farão representar n'este certamen, no qual será apreciado o merecimento que os differentes industriaes de Portugal teem alcançado pela sua intelligencia e pelos esforços dos seus estabelecimentos; pois não só se farão mais conhecidos dos nacionaes e estrangeiros, como tambem alcançarão merecidas recompensas, para os distinguir dos seus antecessores, concorrendo igualmente para dar mais realce á nação e obter maior consideração das nações civilisadas.

Não duvidamos do brio dos industriaes portuguezes, que abraçarão com grande prazer a resolução utilissima que a benemerita Associação Industrial Portugueza tomou, afim de lhes proporcionar o ensino de patentearem o grau do desenvolvimento e aperfeiçoamento de suas respectivas industrias; prestando tambem, pela sua adhesão a esta exposição nacional, o auxilio e concorrência para augmentar o lustre do seu paiz.

Consiste em um busto de marmore de Carrara, collocado sobre um pedestal de calcareo jurassico.

Vae-se construir em Roma um vasto edificio para o novo Museu archeologico, que custará 414 contos de réis, concorrendo a municipalidade com um terço e o governo com dois terços! Ficarão reunidos n'este Museu todos os objectos da arte antiga e os que se encontrarem nas escavações que se fazem na cidade de Roma e suas provincias. N'essa capital, onde ha tão importantes museus artisticos, augmenta-se-lhes o seu numero, e não se põe obstaculo ao avultado dispendio para esse novo edificio, afim de se conservarem as antiguidades; em quanto que, no nosso paiz, ha a mesquinhez de não se velar por esses vestigios de remotas eras, que se teem descoberto no reino!

Em Munich haverá este anno uma Exposição internacional da arte industrial. Para esse fim será construido um palacio com a extensão de 600 metros.

Uma grande perda scientifica veio enlutar todos os sabios do mundo, qual foi o obito de mr. Pedro Carlos Roberto, archeologo e numismatico formado, membro do Instituto de França e commendador da Legião de Honra. Deixa uma obra importante sobre archeologia e numismatica, além de outras publicações de subido apreço sobre o periodo gallo-romano. A sua memoria nunca será olvidada, tanto pelo seu talento, como pelas suas distinctas qualidades.

Está averiguado em França, que a *radiação ultravioleta* das lampadas electricas de arco voltaico, assim como as lampadas de incandescencia, exercem sobre a vegetação uma influencia perniciosa. As novas e curiosas observações que recentemente se fizeram no palacio de Inverno em S. Petersbourg, confirmaram esse resultado.

Notou-se desde a primeira noite de festa, que as plantas que ornavam as salas tinham ficado amarellas e seccas; os sobrados estavam cobertos pelas folhas caídas; numerosas plantas ficaram destruidas; outras, serão precisos alguns annos, para adquirirem o vigor da sua vegetação; finalmente, foi uma grande derrota.